

MORTE E IMORTALIDADE

"Je vois que c'est terrible"

Romano Rezek OSB

1. A MORTE, EVENTUALIDADE ORDINÁRIA"

Quem fala desta maneira? O palentólogo e antropólogo é que fala assim? E também o sacerdote no campo de batalha que "tropeça no barro terrivelmente escorregadio" e que "passa por duas ou três vezes 'experiências' terrivelmente perturbadoras", mas que "termina por desprezar a própria morte e considerá-la como uma "eventualidade ordinária" ... Sim, é simplesmente Teilhard que, na primeira guerra mundial, perto d'*Ypres*, recolhe os feridos, consola os moribundos e enterra os mortos, como já tinha feito (e deveria fazer ainda) com os membros de sua querida família. (Sabemos que a morte de seu irmão mais velho, *Albéric*, quase "adorado" por ele, causou-lhe traumatismo) — Ele crê, contudo, "que a vida é bela, nas piores circunstâncias, quando nela vemos Deus sempre presente" ... Todavia, Teilhard continua este "resumo" de sua convicção transmitido à sua prima em maio de 1905, dizendo: "Eu somente te peço unir ao meu o teu esforço para viver, a fim de que um amparando o outro possamos mais eficazmente ficar no serviço de Nosso Senhor". (Citações do volume francês *Genèse d'une pensée*, cartas de Teilhard à sua prima, Marguerite).

Nossa inegável tendência vital é "o sempre ser-mais". Nas batalhas dos arredores de *Verdun*, Teilhard experimenta "a dificuldade suprema de aceitar a própria morte, ainda que nela encontre a mais bela das causas". E no entanto, "todos os que eu vi morrer, morreram muito silenciosamente!" Foram eles "movidos pela fé na Consciência divina e pela esperança de viver no Eterno, desprezando o terrível horror do 'Desconhecido' que nos espera?"(1).

Ainda muito jovem, Teilhard se recusa a considerar a morte como um tema melancólico, objeto de ascese ou como "entidade teológica um

tanto vaporosa", mas como uma "Forte Realidade" e uma "eventualidade ordinária". E quem vibraria como ele? — exclamando: "É o íntimo da minha pessoa consciente, de minha memória enriquecida, do meu pensamento iluminado que eu quero que se prolongue intacto para sempre" ... (XII/53.).

Para Teilhard é "natural" que o Sobrenatural satisfaça nosso desejo existencial: "Que desça, pois, do Céu... a Palavra que, sintetizando os ardores da Alma e as exigências do Cosmo, nos revele a misteriosa organização dos extremos, capaz de fazer com que as aspirações individuais se possam consumir na realização do Todo!" (XII/53.etc.). Sempre satisfeito com a Palavra-Promessa do Cristo, Teilhard, mesmo assim procura razões hiperfísicas para alimentar o desejo da imortalidade.

2. "A MORTE É UM ESTIGMA EVOLUTIVO DAS REALIDADES NATURAIS

Durante a guerra, no dia 12 de agosto de 1916, um tiro de obús matou seu grande amigo, o célebre geólogo, *Pierre Boussac*. Logo que recebeu esta notícia, Teilhard pretendeu "abandonar tudo aquilo que havia 'adorado'" ... Em lugar de trabalhar para melhorar as conquistas terrestres, não seria melhor abandonar este mundo absurdo a uma espécie de suicídio? ... Deus permite o desaparecimento prematuro dos instrumentos mais aptos à promoção da sua glória" ... Sim, Teilhard, como qualquer um de nós o constata. Mas ele continua: "Eu me refiz... Eu me convenci de que o trabalho humano, sob todas as suas formas, deve ser essencialmente tenaz, paciente, doce, — e de que é à custa de reparar sem murmúrio as desordens... que, sem dúvida, uma nova Ordem se elabora. E tomej a resolução de continuar, com a ajuda de Deus, a executar o trabalho terreno". (*Genèse*, 157-158.).

Continuando o aprofundamento de seus estudos de paleontologia, Teilhard começa a ver que "a morte e a concupiscência são estigmas evolutivos das realidades naturais" e que "*a doutrina da Cruz* se harmoniza admiravelmente com esta nova visão das coisas. — A Cruz prega e simboliza a renúncia laboriosa, a fidelidade ao Dever evolutivo. A História do Mundo é uma criação contínua, uma vitória sobre a morte natural"(2).

É neste sentido que compreendemos as palavras impressionantes e

paradoxais de *La Grande Monade* (15 de janeiro de 1918): "A única morte verdadeira, a boa morte é um paroxismo de vida: ela é conquistada por um tenaz esforço dos homens no sentido de se tornarem mais puros, mais unidos, mais tensos fora da zona onde estão confinados. Feliz o Mundo que termina no êxtase" ... Pensamos já na expressão mais tardia de Teilhard (1945, V/155-156.): "Evasão para fora do planeta, fuga não espacial e para o exterior, mas espiritual e para dentro, isto é, despreendimento permitido pela hipercentração do estofo cósmico sobre si mesmo".

Mas a hiperfísica de Teilhard, em 1918, não tinha sido ainda completamente elaborada. Sigamos, pois, os seus passos numa ordem cronológica.

3. "A MORTE SERÁ A PORTA DA VIDA"

Antes de chegar à "fé natural" e à "fé cristã", temos "medo do futuro" e naturalmente medo da morte. (XII/335-343.). A consideração de nossa "fragilidade" e de nossa "contingência" nos impele para uma dança macabra que Teilhard nos apresenta de maneira terrível (ver nota 1.). Procuremos tirar apenas algumas expressões desse texto fulgurante:

"O futuro parece deixado às forças do *Acaso* ... Sentimos vibrar em nós este frêmito que nos prende à beira de um abismo, sem parapeito... Os fios que tecem minha existência, são cada vez mais tensos, desde o impulso inicial dos movimentos cósmicos até o encontro de meus ancestrais! ... Bastava que um só destes fios se rompesse para que meu espírito nunca despertasse para a existência... E de tal modo parecemos 'inviáveis' que sentimos o nosso aniquilamento. Para onde ir, Senhor, por entre os inumeráveis caminhos do vazio que se abrem diante de nós? ... Eu tremo.. Como ousar arriscar um passo, ou me lançar corajosamente? — E todos os caminhos convergem para um mesmo centro inevitável: a Morte ... A Morte é, por excelência, a chance infeliz (*Casus*) ... Ela é uma espécie de castigo que nos impõe a *Nemesis* ... Ela é o *Destino* inevitável, implicado em nosso nascimento, e circunscrito à nossa vida (*Fatum*) ... Aqueles que não se defrontaram com um perigo mortal, nunca poderão imaginar completamente o enigma da morte... Mas apesar de tudo, é preciso encontrar o segredo de caminhar segura e livremente para o Futuro!" — Não nos podem salvar nem a magia, nem a Ciência, nem a "Christian Science", nem a "Faith healing". Somente o cristão que vive da Fé sobrenatural rece-

be a "consciência jubilosa de encontrar-se no seio de um Universo super-animado pelo Senhor" — escreve Teilhard a sua prima. (Páscoa, 1927). Para ele, tudo aqui em baixo se mantém pelo que está em cima, porque toda a coesão e o valor ontológico do Universo são assegurados pelo Espírito que me religa aos elementos do Mundo". — Enfim "é o Cristo que aparece, nascendo, sem nada violar, no coração do Mundo". Não acreditamos? Então "é preciso tentar... É preciso, na penumbra da Morte, procurar, em plena escuridão, a aurora de Deus". Tudo isso é obra da fé, e "a morte será a porta da vida".

Algumas passagens da longa meditação *A Missa sobre o Mundo* (1923, Ordos, China) nos inspiram já este espírito pungente do "limiar crítico", no qual a morte corporal será a porta da vida:

"O Mundo, Senhor, não nos pode finalmente conduzir até Vós, a não ser por uma espécie de conversão, de excentração, nas quais, por algum tempo, está na sombra não somente o êxito dos indivíduos, mas a realidade mesma de toda vantagem humana. Para que meu ser seja decididamente anexado ao vosso, é preciso que morra em mim não apenas a minha pequena personalidade, mas o Mundo, isto é, devo passar pela fase dilacerante de uma diminuição que nada de tangível virá compensar. Aquele que ama apaixonadamente o Cristo escondido nas forças que fazem morrer a Terra, a Terra, quando ele morrer, o apertará em seus braços gigantesco; e com ela, o homem despertará no seio de Deus". A grande oferenda termina na vida e na morte que abrirá a porta para uma vida definitiva: "Eu me entrego ao vosso Corpo, para nele viver e morrer, Jesus ... Senhor, escutai os anseios da minha alma e levai-me até as dobras íntimas do vosso Coração ... O que amo, não é mais visível. Uma nova vida me arrasta para a morte" — escreve no dia 26 de abril de 1926. E Teilhard suplica "a graça de terminar bem, de morrer em testemunho de minha mensagem... Gostaria de morrer na Páscoa, festa da Ressurreição" — escreve em suas *Notas de Viagens*, e "profetiza" a sua própria morte, a verdadeira, a terrível (Cf. nota 1.)(3) — como "profetizará" um pouco antes da sua morte em 10 de abril de 1955.

4. "PELA MORTE — COM CRISTO — O MUNDO MERGULHOU EM DEUS"

Em *Meu Universo* (segundo estudo, 1924, XI/63-114.), Teilhard apresenta, de modo mais sistemático, o sentido hiperfísico da morte e de sua união com a morte de Cristo.

— Ele constata a realidade brutal: “Em si, a morte é um escândalo e um insucesso”, porque ela é a desforra cega dos elementos insuficientemente dominados pela alma. Morrer é recair no Múltiplo;

— Mas a morte também pode ser a passagem por um estado mais perfeito, sob a dominação de uma alma mais elevada. “O pão que comemos, aparentemente se decompõe em nós, e contudo, ele se transforma em nossa carne”;

— Na realidade física, há dissociações, nas quais os elementos nunca deixam de ser dominados por uma unidade que os transforma. Conforme a segunda lei da hiperfísica (lei da união: a verdadeira união “diferencia”, isto é, aperfeiçoa os elementos que se unem): em toda união, o termo dominado (no caso, o Homem) só se unifica com o termo dominante (a morte), se anteriormente perde a sua identidade. Em cada um de nós, a existência deve perder sua forma visível para poder entrar na união invisível e definitiva com a Energia criadora, sustentadora e unificadora (Deus). Na perspectiva hiperfísica (e no cristianismo), esta é a função vivificante da morte humana.

É preciso, pois, que nós superemos, intelectual e vitalmente, o Horror (“*je vois que c’est terrible*”) que a destruição nos inspira. O Cristo realizou esta sublimação de nossas perspectivas e de nossos temores. Ele venceu a morte, porque deu a ela fisicamente o valor de uma metamorfose. E “com Cristo, pela morte, o Mundo mergulhou em Deus” ... E depois o Cristo ressuscitou. A Ressurreição é um terrível (cf. nota 1.) evento cósmico: ela marca a tomada efetiva de posse — pelo Cristo — de um Centro universal: o Cristo se torna Ômega único e eterno: “Aquele mesmo que desceu, também subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas” — diz *São Paulo*. (Ef. 4, 10.)

O estado *atual* do andamento geral do Cosmo (que não é nem infinito, nem indefinido) não permite ainda que o Cristo faça desaparecer a morte corporal. Como, de outro modo, poderia Ele salvar os elementos (os homens) de seu Corpo em crescimento? Por uma admirável *transformação*: se houver o nosso consentimento, Ele nos modela, nos esvazia de nosso egoísmo, e penetra em nós — não somente pelo elan natural da vida, mas também pelo fracasso escandaloso causado pela morte.

No trabalho *O Fenômeno Humano* (segundo estudo, 1930, III/225-243.), Teilhard nos introduz no terreno da irreversibilidade da corrente vital “que não cessou de crescer desde suas origens”. No Ho-

mem, "a Vida se manifesta exigindo, para sua própria atividade, a irreversibilidade (isto é, a imortalidade). Se, com efeito, nós imaginássemos o que o Universo caminha em direção de uma morte total... (felizmente ninguém pode "prová-lo"), o gosto de agir seria *ipso facto* aniquilado no fundo de nós mesmos. Em outras palavras: a inteligência humana não suportaria ser iludida: o homem deveria trabalhar e construir o Mundo — em vão, somente "para a morte"? — "Não haveria para o homem verdadeiramente conseqüente senão duas soluções:

— ou o suicídio, ou a afirmação resignada: "veremos" ...

Em outras palavras:

— ou "a Vida se destruiria automaticamente, tornando-se consciente de si mesma; isto é absurdo;

— ou o homem descobriria a irreversibilidade, isto é, a imortalidade que não se pode provar, mas que o Cristo realizou e nos prometeu!) — Pela morte — com o Cristo — o Mundo *continua* mergulhado em Deus.

5. "O QUE HÁ EM NÓS DE MORTAL, SEJA ABSORVIDO PELA VIDA" (2 Cor. 5, 4.)

O pequeno livro de Teilhard, *O Meio Divino* que já foi comparado com a *Imitatio Christi*, nos ensina que "a divinização de nosso esforço... infunde uma alma preciosa em todas as nossas ações" e que *os resultados* do próprio trabalho de nossos espíritos, de nossos corações, de nossas mãos, isto é, as nossas "obras", nosso *opus*, — serão, de algum modo, "eternizados". Teilhard "não pode crer que estes resultados, "na sua carne", morrerão completamente, porque o homem trabalha, numa escala infinitesimal, pela edificação de algo definitivo, "isto é, na obra de Vós mesmo, meu Deus". (IV/39-40.). Na cosmovisão hiperfísica de Teilhard, "o Mundo é uma espécie de vasta 'ontogênese", isto é, uma geração evolutiva do Real, "uma gênese do ser; o Mundo acumula lentamente, a partir de toda matéria, aquilo que fará dele a Jerusalém celeste, a nova Terra".

"Que Deus seja atingível em toda e por toda a vida", isto é evidente para Teilhard. Mas ele mostra-nos "que Deus pode encontrar-se também em toda e por toda a morte" (IV/81.):

A morte, na cosmovisão teilhardiana, "é o mal, físico e moral, ao mesmo tempo. Mas — adverte Teilhard — superemos a morte, nela descobrindo a Deus. E o Divino se encontrará imediatamente instalado no íntimo de nós mesmos".

Como isto é possível? Como pode ser que "a Morte — no que ela tem precisamente de mortal, se torne para nós um bem"? (IV/85.etc.).

É certo, a Morte é uma incurável fragilidade dos seres corporais. Mas "o grande triunfo do Criador e do Redentor, em nossas perspectivas cristãs, foi o de haver transformado em fator essencial de vivificação aquilo que, em si, é uma força universal de diminuição e de aniquilamento". Como? — indagamos ainda. — "Deus deve, de algum modo, a fim de penetrar definitivamente em nós, escavar-nos, esvaziar-nos, criar um lugar para si. Ele precisa, para nos assimilar em si, remanejar-nos, refundir-nos, quebrar as moléculas do nosso ser. A Morte está encarregada de efetuar, até o fundo de nós mesmos, a abertura desejada. Ela nos fará sofrer a dissociação esperada. Ela nos colocará no estado organicamente requerido para que se precipite sobre nós o Fogo divino. E assim o seu nefasto poder de decompor e de dissolver encontrar-se-á captado pela mais sublime das operações da vida. O que, por natureza, era vazio, lacuna, retorno à pluralidade, pode-se tornar, em cada existência humana, plenitude e unidade em Deus".

Teilhard suplica "que eu tenha acesso a esta última fase de comunhão, no decurso da qual eu vos possuirei, diminuindo em vós... Dai-me, meu Deus, compreender que sois Vós... que afastais dolorosamente as fibras do meu ser para penetrardes até o âmago da minha substância, para me arrebatardes em Vós".

E como se fosse Abraão, Teilhard fala adorando, mas também quase discutindo com o Senhor Jesus: "Ó Energia de meu Senhor, Força irresistível e viva, porque de nós dois Vós sois o infinitamente mais forte, *é a Vós que cabe o papel* de me queimar na união que deve fundir-nos juntos. Dai-me, pois, algo de mais preciso ainda do que a graça pela qual vos pedem todos os vossos fiéis. Não basta que eu morra comungando. Ensinai-me a comungar morrendo". Naqueles últimos momentos terríveis (cf. nota 1.), Teilhard, prostrado por hemorragia cerebral e uma síncope de coração, morreu *em união com o Cristo*, mas não num instante de comunhão eucarística, isto é: sem a comunhão sacramental. Mas naquele momento terrível de vertigem e de obscuridade, crescia a sua confiança de se perder e de abismar no Cristo, de ser assumido pelo Corpo místico de Cristo.

Insistindo na esperança de que algo das nossas ações participa da ressurreição definitiva (IV/39.), Teilhard, manifestando o desejo profundo da incorporação final *in Christo* (IV/113), no termo de uma série de verdades da fé, chega a uma convicção absoluta: "O Espírito de

Deus atrai, penetra o Mundo e avança envolto na luminosidade vaporosa daquilo que vai sublimando com Ele... O Espírito não destrói as coisas, nem as violenta; mas as liberta, as orienta, as transfigura, as anima. Ele não foge delas, mas se eleva, apoiando-se nelas e arrastando consigo o que têm de escolhido". (IV/174-177.) — Teilhard acreditou "fisicamente", isto é — como ele mesmo sempre explica: realmente, verdadeiramente, nesta visão. Eis porque afirmou: "Morte total não existe".

6. "MORTE TOTAL NÃO EXISTE"

Dando conferência ao "*Grupo Marcel Légaut*", para jovens intelectuais, Teilhard mostrou alguns elementos da sua hiperfísica, isto é, da visão do que deveria ser "a grande física dos Gregos, a grande ciência do Real", na qual o homem se apresentaria integrado no Universo e, conseqüentemente, seria a "chave" das soluções existenciais (1930, p. 3. da 1ª conferência, texto inédito): "É preciso que o homem aceite morrer fisicamente. Mas é preciso também que ele sobreviva em alguma coisa maior que ele... Nosso poder de agir exige a irreversibilidade; e se uma séria probabilidade se nos impusesse sobre a reversibilidade da vida, isto é, que a vida devesse retornar sobre os seus passos, ou deter-se ou completamente aniquilar-se, perderíamos imediatamente o gosto de viver e de agir, e nós nos deteríamos, — uma vez demonstrada esta probabilidade. A vida se imobilizaria conosco, seria retida... Pela análise mesma de sua estrutura, essa corrente de vida exige a irreversibilidade, porque, de outra maneira, ela se destruiria automaticamente... Mas a existência da meta para onde vamos, só pode ser garantida pelo Termo supremo (Deus)".

A irreversibilidade é o fundamento mesmo das meditações de Teilhard sobre a imortalidade. No estudo *O Espírito da Terra* (1931, VI/23-57.), "é a análise do dado presente, isto é a visão hiperfísica baseada sobre todos os fatos da física, que coloca fora de dúvida um fato: a não ser que se admita que o Cosmo é intrinsecamente absurdo, o crescimento do Espírito deve ser considerado irreversível. O espírito, *no seu conjunto*, não recua jamais. Em outras palavras: num Universo de natureza evolutiva, a existência do Espírito exclui, pela sua própria estrutura, a possibilidade de uma Morte que fosse o desaparecimento *total* das suas conquistas, isto é, a não-sobrevivência de suas mais finas realizações. Esta é a garantia infinitamente reconfortante que implica uma intuição fundamental: "O mundo, legitimamente e infalivelmente, deixaria de agir — por falta de impulso — se tomasse

consciência na sua esfera pensante, de caminhar para a Morte total. Logo, Morte total não existe"... E o Universo continua a existir...

Teilhard sabe muito bem que este raciocínio, para muitos, não teria valor lógico. Muitos intelectuais ou seguem um agnosticismo, ou imaginam, por um falso estoicismo, que se pode aceitar, sem perder a força da Vida, que o espírito humano na Terra tem apenas uma momentânea permanência, sendo apenas "um clarão na noite". Tais espíritos — afirma Teilhard — não penetram até o fundo do que significa Morte *total* do Mundo. ("A Morte absoluta é, aliás, uma noção provavelmente tão absurda quanto a idéia de Nada" — afirma Teilhard). — Aqueles falsos estóicos — continua Teilhard — "imaginam que uma noite total e opaca não deixará sobreviver *para ninguém nada* de tudo aquilo que agora compreendemos e conquistamos". E Teilhard responde: "Então por que trabalhar, sofrer? — por que obedecer aos apelos e às exigências da Evolução?"

De fato, é preciso reconhecer que "um Universo que continuasse a agir febrilmente na espera consciente da Morte absoluta, seria um Mundo estúpido, um Espírito monstruoso, isto é, uma quimera".

Desde que um Universo é enriquecido com o pensamento humano, pela sua própria estrutura ele pode elevar-se até o Absoluto. "O Espírito é o valor indestrutível da Evolução, do Universo". (VI/51.).

E Teilhard conclui sua visão hiperfísica desejando que "a corrente qu vivifica a Matéria, deve ser concebida como uma maré montante. O Múltiplo se eleva, atraído e englobado por Aquele que 'já é Uno'. (Le "déjà Un"). Este é o segredo e esta é a garantia da irreversibilidade da Vida" (V/56.) — Nessa perspectiva, como terminará a Evolução espiritual de nosso planeta? — "Talvez através de uma transformação mais psíquica do que sideral, semelhante à uma Morte, mas que será, de fato, a libertação fora do plano material histórico, e o Êxtase em Deus". (IV/57.).

Encontramos a mesma visão hiperfísica no estudo *Como eu creio* (X/115-152.), contudo no *Epílogo* Teilhard nos mostra o realismo da sua fé: "É certo, cada vez mais certo que preciso caminhar na existência como se no termo do Universo o Cristo me esperasse. Não sinto, porém, nenhuma segurança particular desse termo. Crer não é ver. Penso que como todos os homens, caminho entre as sombras da fé... A obscuridade da Morte, para mim, não é mais do que um caso parti-

cular do problema do Mal. E para vencer o escândalo *mortal*, vejo apenas um só caminho possível: o de reconhecer que se Deus nos deixa sofrer, pecar, duvidar, é porque não pode agora, de um só golpe, nos curar e nos elevar. E se Ele não o pode, é unicamente porque *nós* somos ainda incapazes, em virtude do estágio em que se encontra o Universo, de suportar maior organização e luz mais intensa”.

Teilhard termina quase com uma prece: “Eu aceito caminhar até o final por uma estrada em direção de horizontes cada vez mais envolvidos numa bruma. Eis como creio”. (Pékin, 1934, X/152.).

7. “NÃO QUERO CONSTRUIR – SENÃO O QUE É IMORTAL”

A hiperfísica teilhardiana sintetiza, de maneira mais harmoniosa possível, o grande conjunto de nossas experiências, generalizando-as e ultra (hiper) passando-as, elevando-as, mas, ao mesmo tempo, deixando-as no terreno (*mais*) “físico”.

Quero construir somente o Imortal, e por isso, procurar “unir harmoniosamente nossas experiências”. (VI/87) — Entre estas “experiências”, o homem inteligente e bem consciente de sua existência e de vida futura, constata em si mesmo a “exigência tenaz de não pretender construir senão o Imortal”. Nesta perspectiva da hiperfísica teilhardiana, a expressão “incorruptibilidade” empregada pelos filósofos, tem o caráter de “irreversibilidade”, e “os mortos, a Morte são — e são apenas pontos críticos ao longo da caminhada evolutiva para a União com o Centro dos centros (Deus)” (VI/109.), isto é, começa funcionar “a física imperceptível — porque insensível — dos centros (dos espíritos)”.

Esta união, como nos ensina a experiência resumida na segunda lei da hiperfísica, “diferencia”, isto é, nos aperfeiçoa, e “justifica perante nós a esperança da imortalidade pessoal”. (VI/130.) — A convicção de Teilhard é clara: a “espiritualização” irresistível do Mundo, constatável experimentalmente, “não teria êxito, se a partícula consciente que cada um de nós representa, não atingisse o termo irreversível, totalizador, da transformação... A morte, através da qual aparentemente desaparecemos, se apresenta, assim, como a expressão de uma simples fase de crescimento. Ela significa nossa ascensão a uma esfera superhumana de self-consciência, de personalidade”. (VI/130.) — Por isso podemos dizer que na morte o corpo — “le dehors” do homem — volta à terra; e, a ‘alma’ — “le dedans” do homem — mergulha para “o interior”, entrando numa esfera invisível, desconhecida.

Podemos indagar a reação do homem diante de um fim, no qual ele, aparentemente, deve desaparecer? A resposta de Teilhard: "Resignação? — Estoicismo? ... Não, apenas justificadas revoltas e deserções, a menos que a morte se apresente, de fato, como a forma ou a condição de um novo progresso". (Ibid.) — Assim compreendemos melhor a expressão de Teilhard: "Ação refletida e previsão de desaparecimento *total* são cosmicamente incompatíveis". A razão é intuitivamente clara:

- *ou* é o Espírito que se retira do jogo, reconhecendo-se enganado,
- *ou* é a Morte que, levantando seu véu de aniquilação, assume a figura da Vida.
- Ora, a primeira alternativa implica o absurdo do Universo que, vencedor da inconsciência até o nível do Homem, não conseguisse fazer nascer nele a reflexão, senão para descobrir a sua incapacidade de satisfazê-la. Assim, pois, só nos resta a segunda alternativa. A Morte deixa subsistir, sob esta ou aquela forma, alguma parcela de nós mesmos, pela qual nós podemos nos dedicar como a uma parcela do Absoluto...

A IV. parte do *Fenômeno Humano* (1938-1940) nos transporta aos mais puros horizontes do espírito e, por isso mesmo, para a visão da imortalidade baseada na existência divina de um Ômega. Aparentemente, é certo, o homem se corrompe como o animal. Mas no homem, o espírito (o radial) se liberta da matéria (do tangencial). Trata-se de uma "evasão fora da entropia pelo retorno no Ômega. A própria Morte se torna, assim, humanizada". (I/302.) — Teilhard explica isto da seguinte maneira: (I/302-303.):

- não somente o puro espírito, mas um certo "conteúdo", uma certa "carga", uma certa "energia" acompanham a existência irreversível de cada ser humano;
- "uma a uma, em torno de nós, como uma corrente contínua, as 'almas' se elevam, levantando para o alto algo incomunicável de consciência".

Estas idéias nos lembram a passagem do *Apocalipse* (14,13.): "Sim, diz o Espírito..., suas obras os acompanham". Não só a boa intenção, mas o próprio *opus* "vale" para a eternidade: "*Opera sequuntur illos*": as suas obras os acompanham — afirmou Teilhard, já no *Meio Divino*, como o visionário de um "novo Apocalipse"...

8. "UMA NOVA DIMENSÃO"

Teilhard prevê "a unificação universal" dos homens do futuro, na qual tudo se anima com uma corrente de amor. Este amor emana "do

polo supremo de personalização, mantém e alimenta “nossa convergência espiritual”: entraremos “num meio superior, numa dimensão nova”. (V/80-81).

Indagamos impacientemente como será esta dimensão a mais que segue a dimensão da vida e a dimensão da inteligência humana. Teilhard nos esclarece: “Quanto mais penso, tanto mais creio perceber o único modo pelo qual o Espírito da Terra pode *acabar, sem se aniquilar*. É que ele desaparece em profundidade, pelo excesso de centralização sobre si mesmo”. (VII/51.)

A dimensão nova e definitiva surge, na visão teilhardiana, como uma *participação* do Infinito Divino. “As partículas humanas tornam-se capazes de participar da consciência essencialmente pessoal do Ômega”. — Mas como podemos entender esta participação? “Uma reviravolta de equilíbrio se produz nas partículas, como p.e. se um corpo material (em nosso caso: espiritual) ultrapasse o limite entre os campos de atração de dois planetas. Na medida em que é personalizada, a partícula de consciência torna-se livre do seu suporte material. Separado desse suporte de complexidade que cai no múltiplo, o centro refletido pode, enfim, definitivamente unificado em si mesmo, atingir o polo último de toda convergência”. (VII/128-129.).

Em anotação de *Retiro Espiritual*, datada de 18 de julho de 1944, Teilhard compara “o aquém” e “o além” e continua a sua meditação: “O aquém está impregnado do desejo da irreversibilidade. A ‘flecha humana’ deste desejo transporá o limite de perceptível e entra no além”. A entrada na última dimensão da existência se realiza “num ponto crítico de maturação, no final do qual a Humanidade se desprenderá *psiquicamente* do planeta para juntar-se ao Ponto-Ômega, única essência irreversível das coisas, deixando atrás de si a Terra e as estrelas que retornam lentamente para a massa evanescente da energia primordial”. (V/155-156.). — Esta mudança de estado será, talvez, “um fenômeno aparentemente semelhante à morte, mas, na realidade, é simples metamorfose e acesso à síntese suprema. Evasão fora do planeta, não de modo espacial, nem pelo exterior, mas espiritualmente e pelo interior, como lhe é permitido pela hipercentração do estofo cósmico sobre si mesmo” — O Ponto-Ômega abre a porta para a irreversibilidade do homem e da Humanidade. Unir-se a este Ponto-Ômega é o ato de dimensão suprema. Cabe-nos decidir e escolher. “Unir-se — ou perecer”. (V/303-304.). — E no Ômega encontramos o amor, o Coração deste Universo. (VII/201.).

9. "O MISTÉRIO DO TERMO SUPREMO"

Todas estas meditações terminam na grande questão do mistério de "ser — ou não-ser?" — *Ou* evanescência no seio de um "Amorfo sem limites" (XIII/3.) — *ou* um ponto crítico que se abre para uma Vida Infinita.

Nas últimas linhas de um estudo propriamente científico, Teilhard pergunta (o que "vale", no seu estilo, uma afirmação!): "Será que somos arrebatados para um ponto crítico, noosférico que se esconde no topo do 'branco final' da inflorescência humana? Ponto crítico, além do qual nada podemos distinguir fenomenalmente, uma vez que tal ponto crítico constitui um limiar de 'irreversibilização' e coincide com uma emersão para fora das estruturas e das dimensões da Evolução". (1951, II/234.) — Ao leitor, talvez espantado, Teilhard responde: "Na escala do Cósmico, como nos ensina toda Física moderna, só o fantástico tem chances de ser verdadeiro". É claro que uma tal afirmação já ultrapassa o terreno próprio da ciência (isto é, já pertence à hiperfísica), e o velho Teilhard — como já fazia na sua juventude — sintetiza esta visão hiperfísica e a sua fé: "A existência de um ponto crítico é uma saída que, enfim, se abre no topo do Tempo não somente para nossa esperança de evasão, mas também para nossa expectativa de alguma Revelação". (V/395.).

De um lado: "Uma polarização preferencial", um progresso irreversível continua a se realizar mesmo depois da Morte corporal.

E de outro lado: "É verdade que o processo de complexidade — consciência, por necessidade energética, exige absolutamente, para se consumir, o calor de uma fé natural intensa... Mas é igualmente verdade — "e isto salta aos olhos" — que nenhuma Fé é capaz de vivificar plenamente a cosmogênese da convergência, a não ser a fé naquele Cristo, no qual Omnia constant: tudo por ele existe (Col. 1,17.)". E Teilhard não perde a oportunidade, nos seus últimos estudos, nas suas cartas e conversas, de mostrar que "é urgente unir as camadas rapidamente convergentes da onda humana com um Centro real, já existente" (II/374.) — e humildemente acrescenta: "Se já não estivesse convencido desde o nascimento, creio que me interrogaria".

O estudo *A Barreira da Morte* (VII/417-429.) repete as razões já enumeradas por Teilhard e que defendeu até o momento último ("Je vois que c'est terrible"):

— Uma verdadeira ciência do Homem (isto é, a hiperfísica) não deve deixar aos "profissionais da Metafísica e da Moral" a escolha entre

os dois termos do dilema: "Mundo aberto? — *ou* Mundo fechado?" — "Mundo desembocando finalmente numa supervida? *ou* Mundo esboroando em toda a amplidão de seu peso?" — Ora, o homem deve desenvolver-se dentro do gosto apaixonado de evoluir. A previsão de uma morte total viria fatalmente envenenar e sufocar este gosto dinâmico de agir e de progredir sempre para frente. "O Mundo se tornaria automaticamente 'fechado' e o Homem desativado".

A Humanidade, como um todo, está caminhando para uma co-reflexão, evoluindo numa convergência sobre si mesma. Ora, convergência, para a Energia humana, significa elevar-se até um polo de concentração. "A Humanidade deve completar-se (se o conseguir — explica o próprio Teilhard!) num paroxismo, num ponto crítico superior de co-reflexão, num ponto de evasão, isto é, numa *saída*, necessária para que tenhamos a coragem de agir e de progredir". (VII/415.).

Teilhard sabe muito bem que 99% dos homens supõem ainda que possam respirar plenamente no interior de uma intransponível barreira de Morte, — desde que tal barreira esteja suficientemente distante. Contudo, o mesmo Teilhard prevê que uma espécie de claustrofobia se apossaria da Humanidade diante da idéia de se encontrar num Mundo hermeticamente fechado. Tudo isto porque no fundo de nós mesmos, "a substância do ser reflexivo sempre foi orientada para uma sobrevivência sem fim". Hoje, que a Humanidade é uma massa enorme, nós podemos perceber melhor esta "polarização primordial" que, em nossa co-reflexão humana adquire um valor crítico.

É desta maneira que a imortalidade humana torna-se "uma evidência quase negativa", porque está baseada na impossibilidade energética do seu contrário. Aliás, a imortalidade do espírito é algo "que se evidenciará no futuro", como p. e. *Leverrier* chegou à conclusão da existência do Netuno antes de vê-lo; Netuno, porém, que já existia, começou existir para nós experimentalmente, quando o vimos. De modo semelhante, a imortalidade (a irreversibilidade) que podemos prever, só será "vista" por nós, quando nela estivermos.

"Sim, diz Teilhard, seria ainda mais reconfortante e 'eletrizante', se um sinal, um apelo, um eco, uma voz nos chegassem do além para nos assegurar *positivamente* que um Foco de Convergência existe e nos espera realmente no futuro". A Revelação cristã é um estímulo da procura, e não um substituto. A Noosfera terrestre não pode terminar sua evolução a não ser que nela exista a reflexão cada vez mais

clara do Foco já atual. "O Verbo era a verdadeira luz que ilumina todo homem que vem a este Mundo". (João, 1, 9.).

Tudo isto foi o que Teilhard "viu" no momento da síncope e da hemorragia cerebral, caindo sobre o tapete do salão do apartamento de seus amigos, em Nova-York, quando pronunciou aquelas palavras:

"Maintenant je vois que c'est terrible"...

Seja-me permitido acrescentar um só advérbio à frase de Teilhard. Teremos, assim, a síntese de toda a sua vida que, no momento da morte, se tornou ainda mais autêntica:

Je vois que c'est magnifiquement terrible!

NOTAS

- (1) Este trabalho é o resumo de um estudo de 112 páginas policopiadas, o 449 volume de meus comentários sobre Teilhard. As obras de Teilhard são citadas segundo a edição francesa: *Oeuvres*, 13 vol., éd. du Seuil, Paris, 1955-1976. Os algarismos romanos indicam o volume; os arábicos, as páginas. Neste estudo o autor pretende evitar todas as comparações entre a hiperfísica de Teilhard e as inumeráveis teorias que apareceram (e aparecerão). É necessário insistir já aqui sobre as nuances de sentido utilizadas por Teilhard das palavras francesas "*terrible*" e "*terriblement*". Esse sentido não se refere necessariamente à palavra francesa "*terreur*". É certo que nosso leitor é "*terriblement*" inteligente para captar o sentido realmente conveniente no contexto...
- (2) Seja-me permitido apresentar aqui algumas palavras deste texto cuidadosamente elaborado que tive a oportunidade de encontrar no terceiro caderno de *Notes et Esquisses*, em 1971, antes da publicação deste *Journal*. Nas páginas 20-21. do referido terceiro caderno há um estudo com o título: *Le Sens de la Croix*, O sentido da Cruz, que não é um rascunho ("*brouillon*"), como pensava *Claude Cuénot*, mas uma meditação de 5 de janeiro de 1917.
- (3) Devemos transmitir fielmente aos nossos leitores "a mensagem" de Teilhard, contudo é preciso sistematizá-la. Este é o meu intento que foi apreciado pelo Geral dos Jesuítas, *Pe. Arrupe*. Quando de sua visita ao Brasil, abraçando-me ele disse: "Eis o Beneditino que interpreta bem o Jesuíta"...

Em 1948, o Pe. Teilhard visitou Roma e pediu — em vão — a publicação do *Fenômeno Humano* e do *Meio Divino*.

Quantos anos passaram?...